

UM MUNDO METAFÍSICO NOS TRÓPICOS

Else Ribeiro Pires Vieira

A fonte torna-se a estrela inatingível e pura que, sem se deixar contaminar, contamina, brilha para os artistas dos países da América Latina... ilumina os movimentos das mãos, mas ao mesmo tempo torna os artistas súditos do seu magnetismo superior..

Silviano Santiago, *Uma literatura nos trópicos*

Afastando-me do discurso crítico em torno das influências e do caráter tributário a ele inerente, sobre o qual nos adverte Santiago já em ensaio de 1971,¹ afastando-me, igualmente, de polarizações hierarquizadas como fonte/alvo, situando-me na fronteira fluida do transformar de escritas/reescritas e nela privilegiando áreas de permeabilidade entre os discursos e o seu jogo relacional, ofereço, neste texto, reflexões em torno da poesia metafísica inglesa traduzida entre 1978 e 1991 na sua interseção com outras produções textuais brasileiras no período de início da abertura política, gestação e nascimento da Nova República².

Traduzir a Inglaterra, ler o Brasil. O que se traduz? Quem se traduz? Por que se traduz? Como se traduz? Argumentando que a tradução é

Ilha do Desterro	Florianópolis	nº 34	p.053-075	jan./jun. 1998
------------------	---------------	-------	-----------	----------------

um signo que auxilia na reconstituição do mosaico cultural de uma época, reporto-me à afirmação de Ricardo Piglia de que a identidade de uma cultura se define pela forma como ela usa a tradição estrangeira. Borges, por outro lado, oferece trilhas alternativas ao estudo das influências. Ao examinar Kafka, a quem antes considerava único, sob a ótica de seus precursores, Borges sentiu reconhecer a voz do autor em outros textos de outras literaturas e outras épocas, através de afinidades ora de forma, ora de tom, ora mentais; percebeu, também, que o poema “Fears and scruples”, de Robert Browning, de certa forma, profetizava a obra de Kafka. Argumenta, assim, que no vocabulário crítico a palavra *precursor* é indispensável, desde que purificada de conotações polêmicas ou de rivalidade. Situando-se fora do discurso das fontes e influências, ele enfatiza que cada escritor cria seus próprios precursores e que o seu trabalho modifica nossa concepção do passado e do futuro³.

Buscando um entendimento da identidade brasileira a partir de seu uso da tradição metafísica inglesa e, ademais, à luz das reflexões de Borges, algumas perguntas perpassam a tessitura deste texto. O que, no horizonte da experiência histórica no Brasil nesse período, fez com que tenhamos conferido tamanha visibilidade aos metafísicos ingleses? Por que incluímos os metafísicos ingleses dentre os nossos precursores? Em que a obra deles profetiza a nossa? A partir de nossa posição na história, que perguntas fizemos aos nossos precursores eleitos? Dada a descontinuidade temporal entre o século XVII inglês e essas recentes décadas no Brasil, em que os precursores eleitos iluminaram a reflexão sobre o nosso ser na História?

Nesse período de gestação e nascimento da Nova República, mais precisamente a partir de 1978, os livros de traduções de poesia inglesa no Brasil perfazem um total de vinte e quatro, sendo vinte deles antologias específicas e individuais de diversos autores ingleses, um outro uma coletânea de poetas de língua inglesa do século XIX e três deles antologias gerais incluindo poesias inglesas em tradução. Esse levantamento foi até o ano de 1991⁴ e não se pretendeu exaustivo, tendo sido feito através de visitas a livrarias e feiras de livros, privilegiando,

assim, o critério de exponibilidade do livro ao público naquele período, por ser ela que permite a conversão semiótica da *coisa* em *objeto*, o que ocorre quando o livro é percebido por alguém. Uma edição esgotada, por exemplo, pode pertencer ao *corpus* de livros traduzidos, mas, não se manifestando para alguém ou para o público, ela não satisfaz a condição de ser *objeto*, que desencadeia o processo de semiose, ou seja, a ação dos signos. Mais especificamente, a exponibilidade da literatura inglesa gerou uma disponibilidade que, por sua vez, propiciou a circulação de discursos e a sua interseção com outras produções textuais brasileiras. Mas a poesia inglesa se tornou disponível para o público também através de traduções adaptadas para a música popular, ou através de citações dentro de canções do nosso repertório musical, razão pela qual, mais adiante, examino também o jogo intertextual da música brasileira com a literatura metafísica inglesa.

Tais traduções se inserem no panorama maior da intensa atividade tradutória no Brasil por duas décadas, onde circulam, igualmente, inúmeras antologias, por exemplo, de poetas russos, franceses, alemães, americanos e de língua espanhola, que vêm disponibilizando para o público brasileiro o cânone poético mundial, um panorama igualmente sugestivo de uma crescente convivência com a cultura internacional e, em termos mais específicos, de um excesso editorial associado a um *boom* tradutório da poesia. Diz Borges que a tradução pressupõe um processo anterior e que ela é a conseqüência de uma literatura,⁵ o que nos leva a sugerir uma relação entre o *boom* da tradução poética ao estrelato da poesia em 1985, sendo que a poesia já havia voltado às prateleiras das livrarias brasileiras a partir do final da década de 70⁶. Messeder delinea esse estrelato da poesia:

...a poesia, mais uma vez sintonizada com o seu tempo, vive o que parece ser o novo *boom*... é o que se vê: nas edições de poesia por editoras comerciais de peso, nos lançamentos concorridos, nos relançamentos, com novo visual, de trabalhos da década passada e na profusão de *performances*

(...) que a poesia é sucesso ninguém duvida (...); se, há muito pouco tempo, uma parcela importante da poesia (...) se autodefinia como jovem, marginal, alternativa, independente, etc. ela, nos dias de hoje, se afirma, cada vez mais, apenas enquanto *poesia*.⁷

É com a poesia metafísica que se abre o ciclo de traduções sob exame e é também ela que o fecha. Seu principal expoente, John Donne, “o poeta do amor e da morte”, foi, ao lado do romântico William Blake, o poeta mais traduzido neste período. Uma primeira compilação e tradução dessa poesia, por Augusto de Campos, foi publicada em 1978 sob o título *A meta física dos metafísicos*; sucederam-se duas outras antologias específicas da poesia de John Donne em 1985.⁸ Aíla Gomes compilou e traduziu em 1991 uma antologia da poesia metafísica *lato sensu*⁹; além de incluir poetas do século XVII menos lembrados entre nós do que John Donne e Andrew Marvell, ela confere uma abrangência maior ao termo, relacionando-o “não só ao movimento poético do século XVII na Inglaterra, denominado metafísico, mas à vertente metafísica da poesia inglesa, que vai de Shakespeare a Eliot”. Tal abrangência leva-nos a registrar uma outra antologia específica da poesia de T. S. Eliot, traduzida por Ivan Junqueira em 1981.¹⁰ Se seguirmos ainda outras historiografias literárias que incluem Shakespeare dentre os metafísicos, poderíamos acrescentar, então, duas antologias de seus sonetos, ambas traduzidas em 1991.¹¹ Em suma, considerados os diversos entendimentos da abrangência do termo, são sete as antologias de poesia metafísica traduzidas no período.

A veia metafísica também perpassa e se deixa perpassar pela música popular brasileira. É o que se observa, por exemplo, quando Caetano Veloso, nessa “outra banda da terra”, canta em ritmos nacionais a tradução do poema “Elegy: going to bed” do metafísico John Donne, feita por Augusto de Campos, em 1978. Percorrendo uma trilha reversa, a música popular brasileira contamina a poesia metafísica inglesa; um exemplo é a famosa tradução feita por Augusto de Campos do poema de John Donne, “The Apparition”. Os versos de Donne,

Then shall my ghost come to thy bed,
And thee, fain'd vestall, in worse armes shall see
são transcritos na tradução de Augusto de Campos como

Meu fantasma virá ter ao seu leito
Onde serás, falsa vestal, uma mulher
Qualquer nos braços de um outro qualquer¹².

A inserção dos conhecidos versos de Lupicínio Rodrigues na tradução de Augusto de Campos gera um rico jogo intertextual e intercultural com implicações políticas. O tradutor, transcendendo a relação de poder entre original e tradução, contaminando a “fonte”, contaminando a “alta” cultura através da popular, introduz uma dualidade onde, convencionalmente, na tradução, opera-se uma unidirecionalidade, fazendo com que o texto original cresça através do encontro com o Outro. Augusto de Campos anuncia, assim, uma axiomática do traduzir que foge a polarizações e hierarquias, situando-se no espaço terceiro das transformações mútuas. Essa bidirecionalidade tende a refletir uma dialética da absorção e transformação associável à Antropofagia, que delinea uma relação textual e cultural mais complexa do que a mera reprodução mimética.

No início da década de 90, Caetano Veloso reelabora de outras formas a literatura metafísica inglesa e o espaço da bidirecionalidade. Detectamos um intertexto metafísico hamletiano (“the world is out of joint”) no refrão da faixa de abertura do CD deste mesmo cantor, lançado em dezembro de 1991, o *Circuladô* – “alguma coisa está fora de ordem/ fora da nova ordem mundial”. Nessa faixa específica, *Fora da ordem*, Caetano se vale da percepção e da reflexão histórica dos metafísicos ingleses sobre o senso de disjunção da vida, inscrevendo-a na história contemporânea nacional. O senso de disjunção pertence ao século XVII inglês, mas, por uma convergência de horizontes históricos, torna-se brasileiro, porque, aqui “em Sampa de onde mal se vê quem sobe a rampa”, “tudo parece que é ainda construção e já é ruína”. Esse duplo

movimento da apropriação e, por sua inserção no espaço nacional, da limitação da universalidade desse acervo mundial, é seguido por um movimento reverso de universalização que tem como ponto de partida a história da cultura brasileira. O senso de disjunção hamletiano é atualizado aqui; mas o refrão, inicialmente cantado em português, ganha dimensões universais ao ser traduzido no final para o inglês, francês, espanhol e japonês. É a cultura brasileira que agora atravessa as fronteiras num sentido reverso, devolvendo ao mundo a reflexão histórica, passando a re-universalizá-la nas outras línguas, tendo já incorporado a nossa própria historicidade.

Há muito mais entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia

Apesar de três séculos de distância, podemos apontar uma convergência de horizontes históricos ao fazermos um cotejo inicial entre o século XVII inglês e o período histórico brasileiro que abrange, sobretudo, a década de 80. Observa Paulo Vizioli, na introdução à sua tradução de John Donne, que a modernidade dos metafísicos ingleses do século XVII se manifesta em vários pontos e que há “uma vigorosa expressão de um dualismo que prenuncia toda a fragmentação cultural e espiritual do mundo em que vivemos”¹³. A partir de Jauss podemos levantar a hipótese de que o horizonte histórico brasileiro na década de 80 guarda analogias com o horizonte histórico dos poetas metafísicos do século XVII – são dois mundos em estado de perplexidade, são dois mundos que oscilam de um extremo a outro, são dois mundos que convivem com polarizações nas manifestações culturais – a literatura de negação máxima do físico (a morte) e a literatura erótica do gozo físico (“a meta física”, como diz Augusto de Campos). Poucos períodos da história atualizaram tão nitidamente esse dualismo e essa fragmentação como a década de 80 no Brasil. O país assistiu, ao final da década de 70, ao processo de abertura política e de redemocratização; ao abrir-se a caixa de Pandora, é de se esperar que a fictícia linearidade

e homogeneidade histórica dos anos de ditadura militar fosse substituída por uma história mais complexa e desnivelada. Nos “avanços e recuos desses complicados e nada ingênuos anos 80”, expressão que tomo de empréstimo a Messeder¹⁴, assistimos ao retorno dos exilados políticos e ao vigoroso desenvolvimento da literatura memorialista, através da qual conhecemos uma história epigônica relatada por esses marginalizados pela história oficial.

A tradução, ao introduzir um passado alternativo no presente, interage com o já visível desnivelamento histórico, acirrando o complexo jogo de simultaneidade e anacronismo que parece tão característico da década de 80 no Brasil. O *boom* tradutório compartilha com diversos outros fenômenos culturais a introdução de um passado alternativo e a conseqüente deslinearização da história. No plano político, há uma tentativa de re-introdução das tradições democráticas, após o término da ditadura militar. A história passada não relatada é resgatada através do relato memorialista dos ex-exilados. Resgata-se a Antropofagia dos anos 20, através de releituras e reatualizações, já desde meados da década de 60; na sua relação mais específica com a tradução, lembramos o estímulo a ela dado pela atividade tradutória dos poetas concretistas que, por sua vez, incorpora a proposta antropofágica de “canibalizar o acervo ocidental”, nos termos de Costa Lima.¹⁵

É ainda oportuno ressaltar que nesse período, mais especificamente em 85, ocorre um evento literário de grande importância; como nos lembra H. Buarque de Hollanda, o debate sobre o pós-moderno chega no perplexo quadro político-cultural da Nova República.¹⁶ O próprio pós-modernismo canibaliza o passado que retorna sob a forma de releituras críticas. Ainda que consideremos controvérsia a argumentação de Rouanet quanto ao esgotamento da capacidade de criação do artista pós-moderno, o elo por ele contemplado entre a arte pós-moderna e a história passada oferece-nos um eixo para as nossas reflexões:

... a arte pós-moderna estabelece com a história uma relação *sui generis*. Esgotada sua capacidade de criação, o artista pós-moderno é forçado a voltar-se para o passado e recorre ao pastiche de obras anteriores (...). Donde o ecletismo do pós-modernismo, sua tendência a saquear o “museu imaginário” dos estilos sucessivos, canibalizando o passado (...)¹⁷

Ao canibalizar o passado, a pós-modernidade também interage com a especificidade da literatura memorialista e do intenso processo tradutório estimulado pela proposta antropofágica dos poetas concretistas. Como nos lembra Flora Sussekind, a literatura memorialista representa uma forma de vampirização, pela geração mais nova, da experiência histórica alheia¹⁸. Reversamente, diríamos que ela representa, também, por parte dos memorialistas, um gesto de doação dessa experiência, quando eles, através da autobiografia, instauram um diálogo com a nova geração. É o que ressalta, por exemplo, Alfredo Syrakis no “Pre(pos)fácio” de *Os carbonários: memórias da guerrilha perdida*:

Erros cometemos muitos e a validade do gesto moral não atenua a dimensão daquela derrota que custou muitas vidas queridas e valiosas. Creio que é importante recuperar essas memórias e transmiti-las sobretudo para essa nova geração que desponta com os anos 80. A transmissão de experiências não é fácil, a assimilação menos ainda. Mas o próprio movimento social é hoje mais amplo, profundo, mais rico e mais maduro.¹⁹

Analogamente, sugerimos que a tradução da poesia metafísica nesse período instaura um diálogo de experiências entre histórias, desta feita cronologicamente distanciadas, constituindo, também, uma forma de canibalização da reflexão histórica alheia. A literatura memorialista, com o seu veio jornalístico, tende a resgatar de forma factual um passado

mais recente. Por outro lado, a literatura metafísica que aqui circula através de traduções, distante no tempo mas historicamente convergente, com seu acentuado pendor analítico, propicia uma postura de reflexão com relação à contemporaneidade, suplementando a factividade da literatura memorialista. Examinemos algumas manifestações dessa convergência histórica.

A fugacidade de um projeto de vida interrompido, a perda de ilusões, uma geração que se apóia, no presente, em fragmentos da busca de ideais no passado, cicatrizes que nunca se fecham – esses são elementos que afloram vigorosamente, por exemplo, na epígrafe, de autoria da Alex Polari Alberga, ao já citado livro de Alfredo Syrakis, *Os carbonários: memórias da guerrilha perdida*:

Nossa geração teve pouco tempo
começou pelo fim
mas foi bela a nossa procura
ah! moça, como foi bela a nossa procura
mesmo com tanta ilusão perdida,
quebrada,
mesmo com tanto caco de sonho
onde até hoje
a gente se corta.²⁰

John Donne, o maior expoente da poesia metafísica inglesa, não escreveu suas memórias; essas se fizeram em biografia através das mãos de outros. O abandono de projetos e convicções religiosas católicas familiares, uma infância e adolescência em que se respirava torturas, um mundo em que a morte circundava cada movimento, a deserção da fé sob as pressões de vicissitudes históricas, o conflito da deserção, a adoção pragmática do anglicanismo, fizeram com que a obra de John Donne fosse denominada pelos outros que escreveram a sua biografia, “a arte da apostasia”²¹. Em amplo estudo sobre o horizonte histórico de John Donne, Carey ressalta alguns pontos significativos para o nosso

argumento em torno de uma convergência de horizontes históricos entre a Inglaterra do século XVII e o Brasil das décadas de 60 e 70 cuja história se resgata na década de 80. “A primeira coisa a ser lembrada com relação a Donne é que ele era católico; a segunda, que ele traiu sua fé” (Carey, 1981:14). Compartilhando com os ex-exilados brasileiros a interdição de professar uma crença e um ideal (lembramos as medidas repressivas que culminaram no Ato Institucional V de 1968), Donne também manteve, até determinado momento, uma profissão de fé sob a égide de uma legislação anti-católica. Lembra-nos novamente Carey que ser católico na Inglaterra elizabetana não era impossível, mas um difícil exercício de risco: era vedada a eles a participação na vida política e o ingresso nas universidades; multas pesadas eram cobradas pelo não comparecimento aos rituais anglicanos; seminaristas católicos eram considerados traidores se permanecessem nos domínios da Rainha; espiões comunicavam às autoridades onde as missas seriam celebradas; casas de católicos eram invadidas e saqueadas; católicos eram chantageados e intimidados; famílias católicas ameaçadas passavam a noite ao relento ou rio-abaixo e rio-acima em barcos; prisioneiros católicos eram torturados e muitos executados (Carey, 1981:15-18).

Tendo as vicissitudes históricas levado Donne à deserção, sua arte, num segundo momento, sobretudo os *Divine Poems* e os *Sermons*, já pressupõe o fato da apostasia levantado por Carey; elas se situam no terreno permitido do exercício de suas atividades religiosas como deão anglicano. Ainda assim, os paradoxos nos seus *Divine Poems*, como observa Daiches, apontam para uma intensidade angustiada das relações do homem com o poder, na especificidade dos conflitos religiosos da Inglaterra.²² A morte emerge no seu conhecido “Divine Poem X” como uma presença poderosa que se deseja, com tenacidade, combater, ainda que, conceitualmente, através da eternidade; nos últimos versos do poema, Donne promulga seu fim como a “morte da morte”:

Oh morte, não te orgulhes, pois ruim
Como dizem não és, medonha e forte;

Quem pensas que abateste, pobre Morte,
Não morre; nem matar podes a mim.

.....
Um breve sono a vida eterna traz,
E vai-se a morte. Morte, morrerás.²³

Descrever a Inglaterra, ler o Brasil. O retrato delineado por Carey de um mundo de interdições e intimidações político-religiosas espelha, “na outra banda da terra” e três séculos depois, o mundo de vivências dos ex-exilados brasileiros, perseguidos pela “heresia do comunismo”, um mundo de censuras e proibições onde os ideais dos jovens por uma sociedade menos desigual e injusta não puderam ser. Projetos brutalmente interrompidos, cicatrizes indelévels, textos que nunca se apagam e que se fazem em memórias petrificadas na materialidade de livros que aqui se publicam sobretudo no final da década de 70 e inícios da década de 80.

Mas há um outro Donne, o dos poemas do amor, que hoje se inserem na literatura erótica, nos quais a morte emerge como uma consciência da efemeridade do tempo aliada à premência hedonista de se aproveitar o momento presente, como na “Elegia XIX: Indo para a cama”:

Vem, oh senhora, vem, que ócios não permito;

.....
Concede uma licença à minha mão errante,
Para ir ao meio, encima, embaixo, atrás, adiante.

.....
Sem pejo, vem, e, como diante da parteira,
Mostra-te a mim. Atire longe a vestimenta:
Para a inocência punição não se apresenta.

Que esperas? Estou nu... e as horas consomem.
Mais cobertura tu desejas do que um homem?²⁴

John Donne, o poeta do amor e da morte, como sintetiza Paulo Vizioli. John Donne, que transmite ao Brasil seu senso metafísico de disjunção da vida. John Donne, que estabeleceu com os ex-exilados do princípio da década um diálogo de vivências compartilhadas. Mas ele estabelece ainda jogos relacionais com outras produções culturais brasileiras. No marcante ano de 1985 na história brasileira, associado também a uma acentuada entrada de traduções no mercado, Donne foi o poeta inglês mais traduzido. Um ano que convive com expressivas oscilações e polarizações, novamente apontando para novos projetos e ideais resgatados e brutalmente interrompidos. John Donne, Andrew Marvell, T. S. Eliot e outros poetas metafísicos dialogam com um Brasil que, como veremos, convive em 1985 com um agudo senso de história – uma história efêmera que se escreve nos breves interstícios entre o amor intenso e a morte.

Haverá tempo para decisões e revisões que um minuto revoga? Tempo para ti e tempo para mim...

Em janeiro de 85, a história nacional assistiu a uma campanha política que provocou profundas emoções no seio da população. A vitória de Tancredo Neves foi saudada em Brasília por uma multidão incalculável, em manifestações das mais espontâneas. Enquanto Fafá de Belém canta, ao fundo, o Hino Nacional, num clima de resgate dos símbolos nacionais, Tancredo Neves, ao provar ampla vitória sobre o deputado Paulo Maluf, “metafísicamente” anuncia em seu discurso:

– Com o êxtase e o terror de haver sido o escolhido, como diria Verlaine, entrego-me ao serviço da nação.

Em abril do mesmo ano, as manchetes e as notícias dos jornais de todo o país retratam a emoção dos brasileiros que acompanharam a agonia do candidato eleito. “Metafísicamente”, palmas e lágrimas marcam o desenlace, a 21 de abril de 1985, do político que, a 15 de

janeiro do mesmo ano, havia sido escolhido o presidente da República, tornando-se o símbolo do maior, mais alegre e mais pacífico movimento popular de mudanças políticas já ocorrido na História do Brasil. O corpo deixa o INCOR acompanhado por 2 milhões de pessoas até o aeroporto de Congonhas. Em 24 de abril, os trens apitam na estação ferroviária de São João del Rei, os sinos das 22 igrejas soam, o carro de combate do Exército brasileiro aparece no final da Avenida Rui Barbosa, trazendo o presidente Tancredo Neves de volta ao solo da terra natal.

Ressoam as palavras de T. S. Eliot:

Um povo sem história

Não está redimido do tempo, pois a História é o modelo
Dos momentos sem tempo.

.....

Não cessaremos nunca de explorar

E o fim de toda nossa exploração

Será chegar ao ponto de partida.²⁵

T. S. Eliot

A história que se reconstrói já é ruína, a intensidade das emoções se esvai na sua fugacidade, a vida é assustadoramente efêmera, a morte nos espreita a cada momento. Viva a intensidade do amor no cotidiano – *carpe diem* – é a mensagem profética que John Donne traria para os brasileiros no cenário de 1985, como também um outro poeta metafísico inglês, Andrew Marvell.

A concepção da morte como *una vox dormienda*, a exemplo de Catulo, associada a uma exortação *carpe diem*, a exemplo de Horácio, marcam a poesia desse outro metafísico inglês, Andrew Marvell, como se vê no seu famoso poema “To his coy mistress” / “À amada esquiva”. Um desejo de intensidade de amor, expresso em hipérboles, se transmuta numa visão fria e realista da morte:

Dessem-nos Tempo e Espaço afora

Não fora crime essa esquivez, Senhora.

Sentar-nos-íamos tranqüilos

.....
Meu Amor vegetal crescendo vasto,
Mais vasto que os Impérios, e mais lento,
Mil anos para contemplar-te a Testa
E os Olhos levaria. Mais duzentos
Para adorar cada Peito,
E trinta mil para o resto.

.....
Mas ao meu dorso eu ouço o alado
Carro do Tempo, perto, perto,
E adiante há apenas o deserto
Sem fim da eternidade.

.....
Os vermes não de por à prova
Essa comprida Virgindade,
Tua fina Honra convertendo em pó,
E em cinzas meu Desejo. A Cova
É ótimo e íntimo recanto. Só
que aos amantes não serve de alcova...²⁶

Outras representações literárias da coexistência de acentuadas polarizações no cenário brasileiro de 1985 apontam para outros entrelaçamentos que tecem o jogo relacional dos discursos com os metafísicos ingleses. Permanece a literatura memorialista, sendo que o *best seller* dos livros políticos do ano foi *Brasil nunca mais*, um levantamento de dados sobre a tortura no país durante o período de repressão. No mesmo ano, em seu décimo-nono livro, *Agrestes*, João Cabral de Melo Neto destaca intensamente, pela primeira vez, a morte. Ela se torna uma presença difusa a se infiltrar insidiosamente no cenário urbano:

é porque a morte nos sepulta
sem perguntar, à força bruta,

nas organizações urbanas
traçadas em copacabanas,
de onde o vivo volta sedento
e o morto é a fresta no cimento.²⁷

Por outro lado, Carlos Drummond de Andrade escolheu esse ano de 1985 para publicar algumas de suas obras, guardadas há muito tempo, sendo duas de poesia: *Amar se aprende amando*, uma coletânea de poemas inéditos; e *Amor, sinal estranho*. A temática do amor em suas dimensões cósmicas, que a tudo se sobrepõe e que se fertiliza no cotidiano enquanto matéria de poesia, foi por ele apresentada ao público como epígrafe que norteia o livro *Amar se aprende amando*:

“O amor que move o sol,
Como as estrelas.”
O verso de Dante resplandescente,
e curvo-me ante a sua magnitude.
... Ouso insinuar,
sem pretensão a contribuir
para que se desvende o mistério amoroso:
Amar se aprende amando.
Sem omitir o real cotidiano
também matéria de poesia.²⁸

Os ecos do erótico entrelaçado ao cotidiano, sob a espreita da morte, numa fantasia imaginativa que, nos dizeres de Augusto de Campos, “pode chegar a incríveis descobertas e até à proeza de poetizar aquilo que é im-poetizável”²⁹, reverberam no inusitado realismo do poema *A pulga* de John Donne, onde mesclam-se a paixão e o raciocínio lógico-analítico, numa expressão não convencional do amor:

Nota esta pulga, e nota, através dela,
Que o que me negas é uma bagatela;

Tendo sugado a mim, e a ti depois,
Nela se mescla o sangue de nós dois;
Sabes que isso não pode ser chamado
Defloração, vergonha, nem pecado;
Ela, no entanto, rude e rosada,
De sangue duplo se deforma empanturrada,
E, perto disso, o que desejo, ai! não é nada.

.....
Contra ti e teus pais, a união se deu
Nesse claustro murado em vivo breu.

.....
Bem, vê como o temor é ruim;
Perderás tanto de honra ao vires a mim,
Quanto de vida porque a pulga teve fim.³⁰

Poesia do amor e da morte, poesia do amor na poetização do cotidiano, mas, também, numa forma de expressão – através da utilização da ciência enquanto matéria do fazer poético. Século XVII na Inglaterra, década de 80 no Brasil – dois mundos contraditórios, heterogêneos e complexos, onde, ainda convergentemente, a poesia e a vida se entrelaçam à ciência, sendo esta uma questão que apenas mencionamos brevemente sem a pretensão de desenvolvê-la no escopo desse texto. Este novo entrelaçamento emerge no *Manifesto Supernovas*, de 1985, de autoria de Antônio Cícero e Jorge Salomão:

Poesia é fazer, produzir ... nenhuma outra época da história e nenhuma outra sociedade jamais foi tão rica de possibilidades criativas quanto esta MOSAICAL, que exalta o tempo, as transformações e as diferenças ... Nos 80, poesia, ciência e vida come together.³¹

Naquela “outra banda da terra”, John Donne, um poeta inovador, também rompera com a tradição petrarquiana e com as convenções da

poesia pastoral, introduzindo na poesia qualidades de complexidade intelectual e utilizando imagens filosóficas para definir suas emoções, imagens essas retiradas de fontes escolásticas como a astronomia, astrologia, matemática, etc. Nenhum poeta inglês, após os meados do século XVII, utilizaria um instrumento matemático num poema de amor, como fez John Donne. Mas, seguimos a trilha de T. S. Eliot, que nos ensinou a pensar na fusão de imagens e atitudes díspares enquanto segredo da criação poética. Em comparação entre o poema “Estudos para uma bailarina andaluza”, de João Cabral de Melo Neto e “Em despedida: Proibindo o pranto”, de John Donne, Augusto de Campos ressalta a aproximação “engenhosa”, “metafísica” em ambos. Em João Cabral, a aproximação entre o taconear das pernas da bailarina e a telegrafia; em John Doone, as duas almas dos amantes apartados são comparadas a duas pernas de um compasso”:³²

.....
As duas almas, que são uma só,
Embora eu deva ir, não sofrerão
Um rompimento, mas uma expansão,
Como ouro reduzido a aéreo pó.

Se são duas, o são similarmente
As duas duras pernas do compasso:
Tua alma é a perna fixa, em aparente
Inércia, mas se move a cada passo

Da outra, e se no centro quieta jaz,
Quando se distancia aquela, essa
Se inclina atentamente e vai-lhe atrás,
E se indireita quando ela regressa.

Assim serás para mim que pareço
Como a outra perna obliquamente andar.
Tua firmeza faz-me, circular,
Encontrar meu final em meu começo.³³

Traduzir ou não traduzir, eis a questão

Traduzir a Inglaterra, ler o Brasil, é o argumento que perpassa esse texto na especificidade proposta de análise do jogo relacional dos discursos entre a poesia inglesa do século XVII e o Brasil da gestação e do nascimento da Nova República.

Não traduzir a Inglaterra, ler o Brasil. A identidade de uma cultura se conhece pela forma que ela usa a tradição alheia, é a visão de Piglia, mas também, sugerimos, reversamente, pela forma que ela deixa de usar a tradição alheia. Quando e por que se deixa de traduzir?

O período contemplado, em termos da tradução, foge a uma produção linear. Ao surto inicial de 78 com os concretistas, seguiu-se um certo marasmo até 84 (a única tradução de poesia inglesa deste intervalo foi a de T.S.Eliot) o que talvez se explique pela euforia cívico-nacionalista que acompanhou a gestação da Nova República. Nessa época, segundo Sevckenko, há uma sensível redução da convivência com a cultura internacional e, sintomaticamente, “qualquer pessoa se sentia desconfortável para discutir ou chamar atenção para manifestações culturais estrangeiras; é como se tivesse de se desculpar de alguma intenção criminoso ou desejo pervertido”.³⁴ Após o declínio da influência internacional durante a gestação da Nova República, em que se observou um retorno ao nacional e ao regional³⁵, há um esmorecimento da euforia cívico-nacionalista e, coincidentemente ou não (falta-nos distanciamento histórico para afirmá-lo), um crescimento do surto tradutório que atingiu seu período áureo a partir de 1988, um ano dominado por traduções.

Sem pretender aqui uma discussão da complexa relação entre nacionalismo e tradução (há teóricos que argumentam que em momentos de intenso nacionalismo é que mais se traduz...), apontamos aqui apenas o quadro que se delineia a partir da tradução da poesia metafísica traduzida e cantada no Brasil desse período. Um quadro em que o pêndulo oscila entre uma priorização do nacional, com momentos de euforia, e uma abertura, com momentos de grande intensidade, para

o diálogo com outras histórias. Um pertencer e não pertencer a uma concepção de uma cultura pré-babélica, sem tensões e contaminações, corporificada no ideal dos valores nacionais.

Não tendo pretendido nesse texto situar-me no eixo, igualmente viável, das correlações entre culturas hegemônicas e periféricas, não tendo, por outro lado, focado a cultura brasileira enquanto receptáculo de formas de expressão elaboradas em fontes estrangeiras, tendo priorizado o gesto de volição inerente à escolha de precursores e de uma tradição, a história que se delineou é a de uma simultaneidade complexa e deslinearizada, nesse período de abertura de fronteiras para o retorno do nacional e entrada do internacional através de traduções.

Para finalizar, retorno à epígrafe de Santiago, esperando ter contribuído, dentro dos limites da falta de distanciamento histórico, para uma leitura em torno da poesia do século XVII inglês não enquanto estrela que brilha, com seu magnetismo superior, para o artista brasileiro da Nova República, mas estabelecendo um jogo inter-textual com as vozes desses artistas, num processo de transposição de fronteiras que descreve trajetórias complexas e confere maior nitidez aos contornos da história de dois mundos metafísicos que se encontram nos trópicos

Notas

- 1 Publicado em SANTIAGO, Silvano. "O entre-lugar do discurso latino-americano". In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978. p.11-28.
- 2 O presente texto retoma e reelabora a parte referente à poesia metafísica inglesa no Capítulo intitulado "Um ritual antropofágico pós-moderno" de VIEIRA, Else Ribeiro Pires. *Por uma teoria pós-moderna da tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. Tese de doutoramento inédita. 1992. p.169-238.
- 3 BORGES, Jorge Luis. "Kafka y sus precursores". In: Frías, Carlos V. (ed), *Jorge Luis Borges: Obras Completas 1952 - 1972*. Emecé Editores, Tomo II, 1989. p. 88-90. (*Otras inquisiciones*). *Obras completas*.

- 4 Levantamento feito para o Capítulo 5, “Um ritual antropofágico pós-moderno”, de VIEIRA 1992 (op. cit.).
- 5 BORGES, Jorge Luis. Os tradutores das *1001 Noites*. In *História da eternidade*. Trad. Carmen Cirne Lima. Porto Alegre & Rio de Janeiro: Editora Globo, 1986. p.94.
- 6 À luz do teórico da tradução André Lefevere, Célia Maria Magalhães, em texto intitulado “Reflexões sobre a tradução de poesia numa perspectiva de literatura comparada” (*Revista Com Textos*. V. 6, 1995/1996, 69-75), apresenta uma resenha crítica do Capítulo 5 de Vieira (1992, op.cit); relendo os prefácios analisados pela autora a partir do levantamento entre 1978 e 1991 supracitado, Magalhães conclui pela solidez das hipóteses levantadas por Vieira relativas ao *boom* tradutório no Brasil a partir do final da década de 70, bem como pela pertinência da contextualização desse *boom*.
- 7 MESSEDER, Carlos Alberto. O novo *network* poético 80 no Rio de Janeiro. *Revista do Brasil* - Literatura anos 80, Rio de Janeiro, v.2, n.5, p.66-81, 1986. p.66-88. Situação análoga ocorreu com o *boom* editorial das décadas de 30 e 40, em que uma convergência de fatores, segundo Miceli, fez do romance o gênero privilegiado com a profissionalização relativa do escritor (MICELI, 1979:xviii, 85). Ao desenvolvimento da indústria editorial e do *boom* do romance, sucedeu o *boom* tradutório da ficção, nas décadas de 40 e 50, em que escritores conhecidos como Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, Raquel de Queiroz, Manuel Bandeira, C.D. Andrade, Rubem Braga, etc., vinculados sobretudo à Editora Globo ou à José Olympio, produziram as famosas coleções *Nobel* e *Biblioteca dos Séculos* (HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil (sua história)*. Trad. Maria da Penha Villalobos & Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T.A. Queiroz, Ed. USP, 1985: 320-375; MICELI, Sérgio, *Intelectuais e a classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979:71-77; PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990:10-29).
- 8 CAMPOS, Augusto de. A meta física dos “metafísicos”. In: *Verso, reverso, controverso*. 2.ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 1978; DONNE, John. *John Donne: o poeta do amor e da morte*. 2.ed. Introd., Sel., Trad., Notas Paulo Vizioli. São Paulo: J.C. Ismael, 1985. (Edição bilíngüe); DONNE, John. *Sonetos de meditação*. Trad. Afonso Félix de Sousa. Rio de Janeiro: Philobliblion, 1985.
- 9 *POESIA METAFÍSICA: uma antologia*. Sel., Trad., Introd., Notas Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia da Letras, 1991. (Edição bilíngüe).

- 10 ELIOT, T.S. *Poesia*. Trad., introdução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, 4a. edição.
- 11 SHAKESPEARE, William. *Sonetos*. Trad. Notas Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. (Para sempre escritores para todos os tempos, 2) (Edição bilíngüe) e SHAKESPEARE, William. *30 Sonetos*. 3. ed. Trad. Ivo Barbosa. Introd. Nehemias Gueiros. Pref. Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. (Edição bilíngüe).
- 12 In CAMPOS, Augusto de. *John Donne - o dom e a danação*. Rio de Janeiro: Noa, Noa, 1977, reproduzido em *O anticrítico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- 13 VIZIOLI, Paulo. "Introdução: John Donne: o poeta do amor e da morte", In: *John Donne: o poeta do amor e da morte*, trad. Paulo Vizioli, op. cit., p.12.
- 14 MESSEDER, Carlos Alberto. O novo *network* poético 80 no Rio de Janeiro. *Revista do Brasil - Literatura anos 80*, Rio de Janeiro, v.2, n.5, p.66-81, 1986. p.70.
- 15 LIMA, Luiz Costa. Antropofagia e controle do imaginário. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Niteroi, n.1, p. 62-75, mar. 1991. p. 68. Para um extenso estudo da relação entre os projetos tradutórios brasileiros a partir de 1978 na sua relação com a Antropofagia, v. o capítulo 1 de Vieira 1992 (op. cit.), p. 14-53.
- 16 HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Introdução. *Revista do Brasil - Literatura anso 80*. Rio de Janeiro, v.2, n.5, p.28-53, 1986.
- 17 ROUANET, Sérgio Paulo. A verdade e a ilusão do pós-moderno. *Revista do Brasil- Literatura anos 80*, Rio de Janeiro, v.2, n.5, p.28-53, 1986.
- 18 SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.55.
- 19 SYRKIS, Alfredo. Pre(pos)fácio. In: *Os carbonários: memórias da guerrilha perdida*. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 7.ed., dezembro de 1981. p.4.
- 20 Poema do *Inventário de cicatrizes*, de autoria de Alex Polari Alberga, citado como epígrafe ao livro *Os carbonários: memórias da guerrilha perdida*, de Alfredo Syrkis, 7.ed., dezembro de 1981.

- 21 CAREY, John. Apostasy. In: *John Donne: life, mind and art*. London: Faber and Faber, 1981. p.15-36.
- 22 DAICHES, David. *A critical history of English literature*, vol.two: Shakespeare to Milton. London: Secker & Warburg, 1960. p.366.
- 23 In: *John Donne: o poeta do amor e da morte*, Trad. Paulo Vizioli, 1985, p. 51.
- 24 In *John Donne: o poeta do amor e da morte*, trad. Paulo Vizioli, 1985. p. 39-41.
- 25 Trecho de "Little Gidding", o quarto dos *Quatro quartetos* de T.S. Eliot, na tradução de Ivan Junqueira, 1981, p.234.
- 26 Trechos de "To his coy mistress", de Andrew Marvell, na tradução intitulada "À amada esquiva", de Augusto de Campos (1978, op. cit, p. 170-73).
- 27 Trecho de "Cemitérios metropolitanos", em *Agrestes*, de João Cabral de Melo Neto (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p.143-144).
- 28 Poema epígrafe de *Amar se aprende amando: poesia de convívio e de humor*, de Carlos Drummond de Andrade (Rio de Janeiro: Editora Record, 1985).
- 29 CAMPOS, Augusto de, 1978, op. cit., p. 128.
- 30 Trecho de "A pulga" de John Donne, na tradução de Paulo Vizioli, 1985, p. 21.
- 31 Trecho do *Manifesto Supernovas*, lançado em 1985 por Antônio Cicero e Jorge Salomão (apud MESSEDER, 1986, op. cit., p. 171).
- 32 CAMPOS, Augusto de, 1978, op. cit., p. 127.
- 33 Trechos de "A valediction: forbidding mourning", de John Donne, na tradução "Em despedida: proibindo o pranto", de autoria de Augusto de Campos (1978, op. cit., p. 140-43).
- 34 SEVCENKO, Nicolau. 1976: o grito, o riso e o silêncio da geração X. *Revista do Brasil - Literatura anos 80*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 14-21, 1986 (p.16).
- 35 MESSEDER, 1986, op. cit., p. 16.

ANTOLOGIAS DE POESIA METAFÍSICA: 1978 – 1991

CAMPOS, Augusto de. A meta física dos “metafísicos”. In: *Verso, reverso, controverso*. 2.ed. ver. São Paulo: Perspectiva, 1978.

DONNE, John. *John Donne: o poeta do amor e da morte*. 2ed. Introd., Sel., Trad., Paulo Vizioli. São Paulo: J. C. Ismael, 1985. (Edição bilíngue).

DONNE, John. *Sonetos de meditação*. Trad. Afonso Félix de Souza. Rio de Janeiro: Philibilion, 1985.

ELIOT, T.S. *Poesia*. Trad., introdução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, 4^aed.

POESIA METAFÍSICA: uma antologia. Sel., Trad., Introd., Notas Afla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia de Letras, 1991. (Edição bilíngue).

SHAKESPEARE, William. *Sonetos*. Trad. Notas Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. (Para sempre escritores para todos os tempos, 2)(Edição bilíngue).

_____. *30 Sonetos*. 3. Ed. Trad. Ivo Barbosa. Introd. Nehemias Gueiros. Pref. Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.(Edição Bilíngue).